

COMPRA



*Semanario ilustrado
de Sciencias, Letras e Artes*

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA
Director Scientifico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA
Secretario da Redacção: BENTO MANTUA
Administrador: XAVIER DA SILVA

DIRECTORES
Literarios: J. PACIFICO, J. C. BRAGA e ROMANOL
Artisticos: A. LACERDA, C. CRAVEIRO e J. BASTOS
Musicas: ALFREDO MANTUA e FERNANDO PADUA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
C. do Jogo da Pella, 6, 2.º
LISSOÁ

Officinas d'impressão e composição
A Liberal—R. de S. Paulo, 216

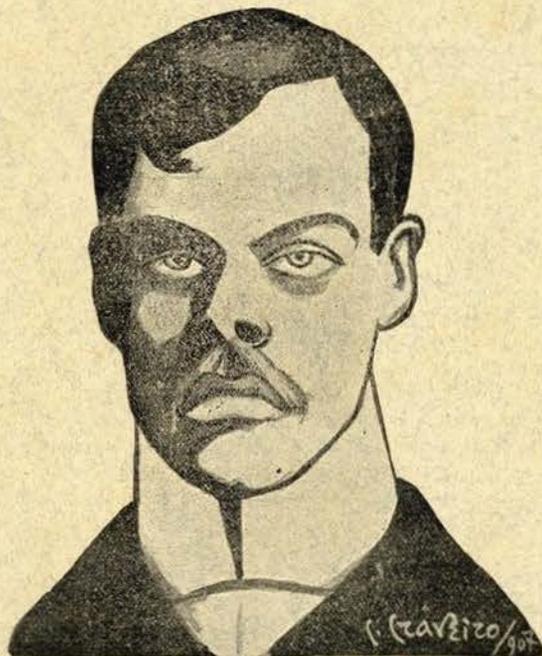
Segunda-feira
9 DE DEZEMBRO DE 1907

NUMERO AVULSO 20 RÉIS

Condições d'assignatura
(Pagamento adiantado)
SERIE DE 15 NUMEROS
Lisboa e provincias..... 300 rs.
Colonias..... 400 „
Brazil (moeda forte)..... 900 „

OS NOSSOS

A. L. V.



Um novo. Lopes Vieira,
Mas seus trabalhos a par
O collocam na fileira
Dos mestres em versejar.

COSTA JUNIOR

Doenças dos Olhos

R. Nova do Almada, 64, 1.º—Da 1 às 5 da tarde

SALVADOR VILLARINHO PEREIRA

Clínica Geral — Partos

R. de S. Roque, 67, 1.º — Das 3 às 5 da tarde
TELEPHONE 1573**ALBERTO FERREIRA**

MEDICO-CIRURGIÃO

Rua Maria Andrade, 10, 2.º—D.
Consultas das 10 às 11**ANACLETO DE OLIVEIRA** ♦ ♦ ♦ ♦

♦ ♦ MEDICO-CIRURGIÃO ♦ ♦

♦ ♦ ♦ ♦ R. S. Vicente á Guis, 22, 1.º

MOTORES DE AR QUENTE

Para tirar agua, substituindo com vantagem as noras e os moinhos de vento. L. M. Lilly Succesor, R. dos Retrozeiros, 35, 1.º, —D.Lisboa.

A LIBERAL

Officina TYPOGRAPHICA

Proprietarios

PALERMO DE FARIA & C.ª

—>>><<<—

Trabalhos Typographicos

EM

Todos os Generos

—>>><<<—

RUA DE S. PAULO, 216**LISBOA****Januario & Mourão**

OURIVESARIA E JOALHARIA

Grande quantidade d'artigos em estojo proprios para brindes, desde 1\$000 reis, joias com brilhantes usados, ouro e prata a peso. Importação directa das fabricas.

PREÇO FIXO

Rua da Palma, 86, 88, 90, 92 e 92 A

JAZIGOS DE CAPELLA**A 200\$000 reis**

8 Logares

Rua da Assumpção, 12 — J. A. CRUZ

LOUÇAS-VIDROS-TALHERES

QUASI DE GRACA

SÓ NA CASA DAS LOUÇAS

33, RUA DA PALMA, 35

Pedro Carlos Dias de Sousa

EXPOSIÇÃO

DE

LOUÇA DAS CALDAS

Arte decorativa

Artigos para brindes

**GATO PRETO**

Rua de S. Nicolau

(Esquina da R. do Crucifixo)

DACTYLOSCOPIA

(Identificação pelas dedadas)

THESE INAUGURAL do medico XAVIER DA SILVA

Descrição minuciosa do processo — Maneira d'obter as impressões dos dedos — Processos de classificação — Analyse do Processo Bertillon — Casos portuguezes de reconhecimento pela Dactyloscopia, etc.

Este livro que é o unico escripto em lingua portugueza sobre o systema Galton-Henry, torna-se, em virtude da nova reforma dos Postos Anthropometricos, de reconhecida vantagem e precioso auxilio para aquelles que teem de fazer identificações e lidar com impressões digitas.

A «Dactyloscopia», escripta após dois annos de estudo no Posto Anthropometrico Central de Lisboa, ensina o modo de obter as impressões dos dedos, a maneira de as classificar, arrumar e procurar no armario archivo; encerra uma critica ao systema anthropo-signalitico de Alphonse Bertillon, descreve os processos adoptados no Posto de Lisboa, etc.

Por tudo isto é um livro recommendavel aos srs. funcionarios encarregados da identificação criminal.

Livraria Nacional e Estrangeira

DE

JOSÉ ANTONIO RODRIGUES & C.ª**Rua Aurea, 186, 188 — LISBOA**

COMPRA



Semanario illustrado de Sciencias, Letras e Artes

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA
Director Científico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA
Secretario da Redacção: BENTO MANTUA
Administrador: XAVIER DA SILVA

DIRECTORES

Litterarios: J. PACIFICO, J. C. BRAGA e ROMANOL
Artisticos: A. LACERDA, C. CRAVEIRO e J. BASTOS
Musicas: ALFREDO MANTUA e FERNANDO PADUA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
C. do Jogo da Pella, 6, 2.^o
LISBOA

Officinas d'impressão e composição
A Liberal—R. de S. Paulo, 216

Segunda-feira
9 DE DEZEMBRO DE 1907

NUMERO AVULSO 20 RÉIS

Condições d'assignatura
(Pagamento adiantado)
SERIE DE 15 NUMEROS
Lisboa e provincias..... 300 rs.
Coloias 400 »
Brazil (moeda forte)..... 900 »



CHÁ E TORRADAS



embrou-se, e muito bem, uma das nossas gentis e amáveis collaboradoras, de ir dando aos nossos assignantes e leitores, a ementa para o jantar do proximo dia de Natal.

Disse que tinha feito muito bem, e não retiro a phrase, porque sou dos maiores devotos dos bons petiscos e, apenas li a sopa de *Espinafres S.^t Cloud*, o antepasto *Tufos d'inverno*, seguidos do peixe *Linguados no berço*, como quem diz, pequeninos, na infancia, chamei a minha creada, que tem a prosapia de ser manipuladora de bons petiscos, e disse-lhe:

— Pulcheria, vou ler te umas receitas e tu vaes experimenta-las. A auctora diz que são para o dia de Natal, mas não tenho paciência para esperar tanto tempo e hoje para o jantar vaes fazer-me a sopa de espinafres á S.^t Cloud.

E li-lhe a receita respectiva com todos os pontos e virgulas.

— Lá a manteiga e a farinha, depois o sal, a pimenta e o leite vae bem; mas onde quer o sr. Pacifico que eu vá arranjar o tal *pólme*? Isso é peixe ou carne?

— O' Pulcheria, pois tu não sabes o que é *pólme*?

E tive que explicar-lhe o que era dando-me algum trabalho o faze-la comprehender; mas por fim percebeu e, como

tem o fogo sagrado dos bichos de cosinha, disse-me com um sorriso:

— Fique descansado, sr. Pacifico, os espinafres hão de ficar de se lamber os dedos.

— Bem. Agora vamos ao antepasto.

— Ao antepasto?! Ora, o sr., sempre tem cousas!

— Então tambem não sabes o que é antepasto?

E tive que fazer nova prelecção. D'esta vez não percebeu nada mas, disse-me com toda a seriedade, que me daria o *pasto* com os ingredientes necessarios.

Não tive coragem de lhe fallar nos linguados, apesar de ser muito simples a receita; a conferencia a que me vira obrigado para lhe fazer comprehender que antepasto eram as iguarias que se servem antes da primeira coberta, aborrecera-me um pouco e deixei para o dia seguinte o linguado; pois a minha creada talvez não se sentisse disposta a fazelo n'aquella occasião.

Almocei e, segundo o costume, sahi a passear pela minha quintarola. Estava um sol esplendido; fui sentar-me ao pé da nora e esperei pelas horas de jantar pensando nos espinafres e nos tufos. Pouco depois trouxeram-me os jornaes da manhã; com a leitura do *Seculo* e *Diario de Noticias* fui entretendo o tempo.

A's 4 horas em ponto estava sentado á mesa.

Os espinafres, ai! os espinafres!

Nunca mais quero na minha vida; iam-me matando, tantos comi, porque a minha creada, não sei porque, imaginou que tinha n'aquella dia alguém mais para jantar e fez sopa para seis pessoas. Pois comi tudo, deixando apenas uns restos para a cosinheira saborear tambem o delicioso manjar.

Seguiram-se os tufos. Provei, eram deliciosos, mas os espinafres sahiam-me pela bocca, pelos olhos, pelas orelhas, por toda a parte enfim; não tinha vão

disponivel onde podesse meter ao menos dois tufos. E quando me appareceu o peixe e o assado vulgar de Linneu, levantei-me indignado e prometendo não tornar a comer o pão nosso de cada dia senão transformado em espinafres S.^t Cloud, em tufos d'inverno, em tudo quanto, mesmo de longe, me cheirasse á ementa que está em via de concluir-se, tão depressa passamos as semanas e se approxima o dia do Nascimento do Redemptor da Christandade.

Mas preclara auctora das olympicas receitas, illustre mestra do afamado Vatel, cosinheiro em chefe do grande Condé, sois capaz de satisfazer com os vossos petiscos um exercito de pantagruelistas, e se continuaes, se depois da *Gallinhola á duque de Mantua* servida com *molho á allemã* se seguem muitos pratos da mesma força, *s'en est fait de moi* e de todos quantos lerem o *Azulejos*.

Eu, só com a sopa e um triste tufo, sinto-me abarrotado; o estomago dilatou-se-me, perdeu o feitiço da gaita de folles com que tinha surgido n'este mundo e vae para o outro transformado em balão de dimensões assustadoras.

Depois do Natal ficarei á caldos, se escapar, só Deus sabe por quanto tempo.

Salvar-me-hão, talvez, os *recipés* dos distinctos Esculapios que ornamentam a redacção d'este interessante semanario, mas não tereis deixado, sapientissima professora de todos os cosinheiros do universo, de causar ao vosso humilde admirador uma seria perturbação e quiçá o inicio de atroz dyspepcia e, aos leitores que amam a boa mesa, accidentes não menos desagradaveis e terriveis.

Hão de perdoar-vos o mal que fazem pelo bem que sabem, mas nada de divagações como exigia o meu professor de latim; cinjamo-nos ao compendio e no dia Natal canja, só canja com um pouco de sal e á noite, á noite... chá e torradas.

JOÃO PACIFICO.



NOTAS SCIENTIFICAS

Chronica

O ribombo da nuvem que faiscava na amplidão do ceu, o sibilo do vento ramalhado através das florestas colossaes, o marulho da onda encapelada e turva e outros phenomenos cosmicos aterravam o homem primitivo. Descobrendo o seu determinismo, prostrava-se em oração ante esses factos que se lhe deparavam como phantasmas enigmáticos. Era o alvorecer das religiões, creadas pelo medo que o mysterio gerava.

Dentro da sua pequenez, elle suppunha os destinos humanos dependentes do arbitrio dos deuses. Para domar a colera dos elementos ou implorar das divindades alguns beneficios, tinha de render-lhes homenagem e manifestar-lhes temor e respeito. Foi assim que se instituíram as ceremonias liturgicas e se formaram os sacerdotes.

Era pois natural que a medicina grosseira dos primeiros tempos se exercesse sob a influencia do fetichismo, colorido pelas tintas bizarras do pitoresco.

Ainda n'um periodo já relativamente adiantado da civilização, a pathologia e a therapeutica firmam as suas raizes no mais recondito do Sobrenatural.

No Egypto os melancolicos evocam o poder curativo de Saturno. Os pastophoros d'Isis tratam, segundo as regras supersticiosas do livro de Hermes, os doentes a quem o oraculo annunciara phophecias durante o sonho.

O fakirismo floresce no paiz do Ganges.

Pela Chaldêa e Persia os magicos deslumbram as multidões com as praticas miraculosas do occultismo.

Os videntes, os astrotherapeutas e os homens da cabala enxameiam as terras orientaes.

Na Judêa ergue-se a voz illuminada dos prophetas, revelando ao mundo a palavra do Senhor. A harpa de David tem o condão de acalmar o espirito mau que atormenta Saul.

Ao despertarem de crises convulsivas, as sacerdotisas extaticas dos templos helenicos predizem o futuro. E entre aclamações do povo suggestionado, operam-se os milagres mais extraordinarios, como aquelle de um cego recuperar a vista, mal pousou as mãos sobre a ara sagrada!

E o entusiasmo pelas coisas secretas e imprecisas não arrefece, apesar dos seculos perpassarem na sua carreira vertiginosa...

Com o advento da idade média a pathologia do Diabo attinge a maxima plenitude.

Os conventos guardam fervorosamente reliquias e tradições inuteis. Explora-

se a crendice popular sob intuitos religiosos e politicos.

Os que não crêem nos designios supremos são torturados nos carceres ou queimados nas fogueiras. Alastram n'um crescente epidemico os delirios da hysterodemonopathia. Contra Belzebú proclama-se remedio eficaz o exorcismo: não obstante haver falhado na mulher endemoninhada a cuja vida se refere a epistola 75 de S. Cypriano — mulher tão captiva de Satan, que chegou a seduzir um padre e um diacono!

O anjo S. Miguel inspira a Joanna d'Arc a salvação da França, emquanto as alucinações mysticas canonisam Santa Thereza.

A seita dos Rosa-Cruz pretende debelar todas as molestias com a panacea — fé, emplastro celeste e pó de sympathy.

N'estas epocas d'obscurantismo, os alienados são perseguidos, atirados para masmorras infectas e por vezes entregues ao carrasco ou abandonados á sua miseria e inconsciencia. A propria rainha Joanna de Castella teria succumbido assim, se não fóra a alta protecção do cardeal Ximenes.

Com Mesmer resuscita o fluido universal de Paracelso. Servindo-se do somno hypnotico, o marquez de Puycégur realisa na sua aldeia de Busancy curas tão estupendas, que se vê obrigado a magnetisar uma arvore, afim de satisfazer a todos os enfermos que vêm consultar a sua sabedoria divina!

E ainda hoje, a despeito de tantas maravilhas scientificas, o Prodigio e a Chiromancia assentam arraiaes nos meios mais requintados de progresso, glorinando-se muitas Genebras Pereiras com o ludibrio da parvonia ingenua que acode pressurosa a ouvir a buena dicha e a reza sacramental das bruxarias:

barbas de bode furtado,
fel de morto excommungado,
bico de péga, bólo cornudo,
fersura de saço e mama de porca.

Todavia, já muito se tem conseguido no campo da verdade.

As descobertas embryologicas de Fletschig, as pesquisas da anatomia comparada por Joannes Müller e Meynert, os estudos de neurologistas notaveis sobre a estrutura interna do systema nervoso, as observações anatomo-pathologicas de Forel e Waller e os trabalhos de physiologia experimental do cortex deram alicerce e claridade ao edificio da Psychologia empirica.

Quando irrompeu a alvorada nova, a velha Metaphisica da alma sumiu-se nas trevas da sua ignorancia. Era logico e fatal. O celebre santuario de Delphos desaparecera com as cinzas d'um passado remoto. As lindas pythonisas e as sybilas errantes expiraram. E para sempre havia seccado a fonte inspiradora de Castalia.

Com effeito a interpretação scientifica dos milagres e dos delirios fatidicos fez emmudecer os espiritos de segunda vista, explicando-se as convulsões diabolicas, as palavras interiores e as visões mysticas. Cavalgando o Sobrenatural, a

Sciencia rasgou, emfim, o espantalho do Maravilhoso.

O cerebro, no entanto, esconde ainda muitos segredos no fundo das suas circumvoluções. E' preciso sonda-los, aprehe-los e traze-los a lume. O seu conhecimento dá nos o conhecimento do homem. D'est'arte poderemos esclarecer acontecimentos historicos, não comprehendidos pelos proprios coevos e melhorar o porvir da humanidade, mercê d'uma prophylaxia altruista que vá cerceando as causas de miserias florações psychicas e empobrecendo o terreno das taras degenerativas.

Infelizmente as doenças nervosas tendem a augmentar cada vez mais. Na sua etiologia avulta a intensidade da vida actual. Por seu turno, a syphilis e o alcoolismo ateiam a devastação organica dos esgotados que vemos todos os dias, em grande numero, baixarem aos manicômios.

Ao medico incumbe o dever d'investigar os motivos das aberrações psychicas, fixar as diversas entidades morbidas e aconselhar aos profanos os preceitos da hygiene da alma. Inquirir, curar e moralisar. Eis o verdadeiro medico — psychologo, therapeuta e moralista.

LUIZ CEBOLA.

ESPIRITISMO

A conversão de Eugenio Nus
ao Espiritismo

(Continuação)

— «Dieu improvise le drame des destinées avec le concours des volontés humaines.» (Deus improvisa o drama dos destinos com o concurso das vontades humanas.)

— «Improvisa.» Continúa.

— «Dieu, architecte de l'ensemble, confie la structure du detail au genie humain.» (Deus, architecto do conjuncto, confia a estrutura dos detalhes ao genio humano.)

— Bravo!

INTUICÃO.—Intuition, pont suspendu, jeté du connu á l'inconnu, du fini á l'infini.» (Intuição, ponte suspensa, lançada do conhecido ao desconhecido, do finito ao infinito.)

Perguntámos:—O que virá a ser a religião do futuro? Quaes serão os seus elementos?

A meza responde:

— «L'ideal progressif pour dogme, les arts pour culte, la nature pour temple.» (O ideal progressivo por dogma, as artes por culto, a natureza por templo.)

— Soberbo!

— «A funcção do homem é elevar os seres inferiores até elle, fazendo-os concorrer para a sua propria elevação na vida infinita.»

Accrescentemos, a titulo de curiosida-

de, estas duas bem apreciáveis originalidades.

FILOSOFIA. — «Jeu de mots, fantaisie de dictionnaire, analyse du vide, synthese du faux.» (Jogo de palavras, fantasia de dicionario, analyse do vacuo, synthese do falso.)

RAZÃO PURA. — «Escala circular que tem por symbolo a cauda do esquilo.»

Mais tarde a meza voltou espontaneamente, e por varias vezes, a referir-se á celebre questão da morte, que tanto nos havia preocupado. Em um dos dictados encontro o periodo seguinte :

— «A morte não é a sepultura humana. Apenas limita a forma do sér material; fim do individuo, ella liberta o elemento immaterial.»

E mais adiante este :

— «A morte inicia a alma em uma nova existencia. Confiae n'um destino que será a vossa obra.»

Dou por finda a transcripção dos dictados que encontro no meu caderno de notas já amarellecido pelo tempo. Do primeiro ao ultimo dia, o processo para os obter ou reproduzir foi sempre o mesmo.

Demais, eu não creio que possa haver nigromantes que se entreguem ás suas praticas com tão poucos aprestos e tanta desenvoltura.

As mais das vezes, nós fumavamos com toda a irreverencia, um no seu cachimbo, outros o seu cigarro ou charuto, contentando-nos em collocar uma das mãos sobre o velador, já decerto habituado a estas familiaridades com que nunca se deu por offendido.

Havia porém grandes desigualdades na producção do fenomeno. Aquella pequena meza de acajú tinha seus caprichos e era extremamente nervosa. Umaz vezes negava-se obstinadamente a toda a especie de conversação e ficava immovel sob as nossas mãos como qualquer meza vulgar; outras, punha-se em movimento, sim, mas era agitando-se machinalmente, avançando, recuando, volteando sobre si mesma como um cavallo sopeado, levantando-se, ora sobre um pé, ora sobre outro, ou dando pancadas no chão ininterruptamente. N'estes días não era possível obter alguma coisa d'ella, nem mesmo um sim ou um não, a não ser que, dignando-se emfim responder ás nossas insistentes perguntas, ella não dêsse uma resposta que fosse apenas mais uma mystificação.

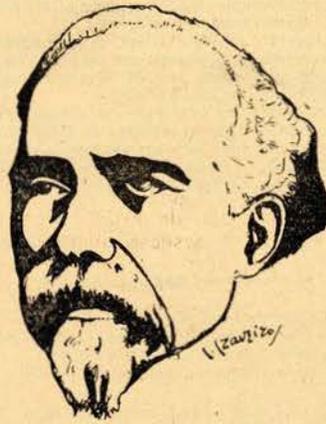
N'essas occasiões dava-se um facto curioso, e que eu indico á attenção dos professores de physica. Em vez de bater, como de costume, pancadas nitidas, secas, sobre o soalho, o pé da meza só produzia sons surdos e amortecidos, como se estivesse envolvido em algodão ou em muitas dobras de um tecido qualquer.

(Continúa.)

A vida deve medir-se pela acção e não pelo tempo.

LUBIN.

Mascaras illustres



Elias Garcia

PALESTRAS

V

O individuo pobre é, na verdade, aquelle que mais se expõe a toda a casta de infortunio. A escassez de meios não lhe permite, as mais das vezes, angariar os recursos necessarios á sua manutenção e d'ahi, o atravessar com as maiores privações as varias etapas da vida.

Se um dia o Destino lhe depára um motivo de alegria, não tarda que a esta succeda um largo periodo de tristeza e amargura.

O organismo progressivamente debilitado, torna-se pasto da doença. Esta, encontrando o terreno optimamente adubado para crear profundas raizes, evoluciona livremente e sem que o mais leve obstaculo se tenha opposto á sua brutal invasão.

A sociedade, indifferente e má, tem aberto por suas mãos a curva, em cujo fundo ha de sepultar-se o desgraçado que ella não soube, ou não quiz acolher em seus braços.

Só então, os espiritos em que a pratica do bem jáz dispersa pelo campo da indifferença, sentem o instincto da Caridade, como que a despertar do profundo lethargo em que está mergulhado.

Os prélos, gemendo em successivos appellos á generosidade individual, incitam a evitar a queda d'um ente, prestes a servir d'alimento aos vermes que, no seio das diversas camadas constituintes da terra, encontram natural habitação.

E' este o momento azado para que se torne n'publicos os rasgos de perfida benemerencia. Esses que em silencio são incapazes de socorrer com uma esmola os pobres em cujo trabalho, muitas vezes encontram sólido alicerce para erigir uma não menos sólida fortuna, esses, diziamos, só agora se mostram sollicitos ante a desventura d'aquelle a quem outr'ora voltavam as costas.

Afivellando a mascara d'uma bondade ficticia, procuram passar aos olhos de

tudo o mundo, como são benemeritos.

Lançam-se em piedosa peregrinação, com a consciencia em segundo plano e apenas aguilhoados pelo desejo de ver impresso nas columnas d'um jornal o nome, sequioso de celebridade.

Parallelamente, varias instituições de beneficencia constituídas sobre bons auspicios, procuram submeter á sua benéfica acção a infeliz victima da maldade humana. Todos se esforçam por debellar o mal que de longe vem.

Um nucleo, altamente sympathico, cuja divisa se filia na lucta pela tuberculose, empenha-se em arrancar ás garras do terrível flagello, esse ser já por elle enfraquecido. Prodigalizando-lhe os medicamentos necessarios, aconselha-o a que procure bons ares, abandonando a mansarda infecta em que se abriga. Bom ar, uma alimentação cuidada e o repouso n'uma cama a substituir a velha e esburacada enxêrga, eis os elementos facultados... verbalmente.

Como pôde o pobre cumprir as acertadas prescripções, tendo exhaustos todos os recursos pecuniarios?!

Com pouquissimas excepções, o patrão, dada a impossibilidade para o trabalho derivado da doença, retira-lhe o misero salario, deixando-o a braços com a miseria.

Os fornecedores, a pretexto de que cousa alguma possui, negam-lhe os alimentos indispensaveis ao resurgir d'aquelle organismo onde todas as forças se vão extinguindo.

O senhorio, por sua vez, obriga-o a procurar na rua um recanto onde arrume os tristes farrapos, visto não lhe pagar a renda mensal usurariamente imposta.

Afim de recolher uns cobres, a troco dos quaes lhe seja facultado um bocicado de pão, recorre á caridade publica. Esta, porém, não é mui largamente exercida pois que sob os mesmos andrajos, é difficil distinguir o verdadeiro necessitado, d'aquelle que infamemente a explora como commoda profissão.

Com o maximo soffrimento a desenharse-lhe na face esqualida, sem forças sequer para implorar uma esmola, resta-lhe terminar os seus dias na lugubre solidão d'um asylo ou no leito d'um hospital.

E no entanto, á passagem do esquife conduzindo á valla um corpo regelado, todos se descobrem, sem que d'entre estes, alguns sintam o minimo remorso a recordar o abandono votado em vida, ao ente desaparecido.

Triste quadro de depravação social em que a falta de consciencia e dignidade campeiam impunes, mercê da incuria dos que teem por devêr, formar ao homem o coração!

Alliados tão bellos factores, certamente seriam coroados de melhor exito os esforços de quem ao bem-estar do seu semelhante, dedica horas de aturado estudo.

JORZE

A religião de Christo é a mãe da liberdade.

GARRET



O phantasma da Alameda

A minha Mãe



Conto de Maria Magdalena de Gondmar

(Continuação)

Carlota, calára-se confusa, e o mancebo, também silenciosamente contemplava-a com admiração apaixonada.

Taes silêncios entre dois entes que se amam, são mais perigosos que uma declaração, dizendo mais de que palavras, por muito eloquentes que ellas sejam...

A jovem, presentindo vagamente a situação, e reagindo contra o singular elanguescimento que sentia apoderar-se de si, levantou-se dispondo-se a sair.

— Oh! isso não, Carlota, disse o mancebo levantando-se vivamente e tomando-lhe as mãos, fique... tenho que lhe dizer...

— O que poderá V. Ex.^a dizer a uma rapariga como eu, uma camponeza?

— Ouça, Carlota lembra-se do que eu lhe disse quando nos despedimos ha três meses? Recordava-se de eu lhe dizer até breve?... E' que eu nessa occasião já a amava, todavia, não me atrevi a dizer-l'ho tão abertamente, como hoje... mas, a Providencia veio em meu auxilio, fazendo com que eu a encontrasse neste logar, que também já ouvio mil juramentos de amor, que foram cumpridos...

Adoro-a, Carlota... sei quem é, pois nestes sitios, onde a conhecem de pequenina, todos são unânimes em declarar, que não ha mulher mais digna, mais virtuosa, nem que possua sentimentos mais elevados. E, pois, bem merecedora de inspirar uma paixão, tão louca e respeitosa, como a que eu sinto por si.

Depois, com meiguice:

— Dize-me, Carlota... visões encantadoras dos meus sonhos... dize que também me amas...

O mancebo, á medida que falava fôra-se animando de tal forma, que ao concluir, tinha na voz um tom de paixão tão vibrante e sincero, que Carlota embriagada pelas palavras que acabava de ouvir e não duvidando já, apertou nervosamente a mão do mancebo, dizendo baixinho:

— Alfredo!...

— Não me engano, suppondo ser amado por ti, alma da minha alma?

Ella, respondeu com modulações na voz trememente:

— Foi e será sempre o meu unico e primeiro amor... amo-o desde ha muito.

Perante o gesto de surpresa de Alfredo, ella contou-lhe o seu encontro na romaria, e o louco amor com que o começara a amar, não querendo dar amor a mais nenhum homem.

Depois, de concluir e como despertando, disse com voz repassada de tristesa:

— Mas, meu Deus, para que olvidei que sou uma simples camponeza, enquanto o senhor Mello é tão distincto!?... Vir a sêr sua mulher é sonho irrealisavel... e, sua amante... amo-o demais para que o seja...

— Porem, creia, que nenhum outro me possuirá!

Carlota, puzera nestas palavras tanta dignidade, que o mdoz engenheiro, num transporte apaixonado, beijou-lhe as mãos com delirio...

— Ouça, Carlota, o que lhe vou dizer, neste logar tão santo, que só se eu fosse o ultimo dos miseraveis, usaria falta á verdade. Juro, Carlota, que a amo com amor verdadeiro e leal, e que tudo quanto acabo de lhe dizer desde que aqui entrei, é a mais sincera expressão da verdade... E's agora a minha linda e adorada noiva, e de hoje a um mêz, serás a minha idolatrada mulher.

— Alfredo... murmurou a joven cambaleando, prestes a cahir...

Valeu-lhe Alfredo, que a amparou nos braços apertando-a com frenesi contra o peito...

— Carlota, adoro-te... e os seus labios procuravam com avidêz os da joven, confundindo-se num beijo longo... apaixonado...

A voz de um camponez, que passava na estrada, cantando uma canção campesina, veio arranca-los do seu encantamento,

— Jesus!... disse Carlota desprendendo-se bruscamente... se algum nos via!... Vou-me embora, pois meus paes já devem estranhar tanta demora. Adeus, Alfredo.

— A'manhã, irei falar a teu pae, e muito breve serás minha. Que os espiritos de Magdalena e Luiz nos protejam, pois me parece que elles nos estão vendo e ouvindo, e que pedirão a Deus por nós. Vae Carlota, e dize a teu pae, que me espere amanhã.

(Continúa.)

Vi-vos, Senhora, um dia e logo que vos vi... talvez fosse melhor - quem sabe! - não vos vêr desde então comecei a muito vos querer e por amar-vos tanto, assim eu me perdi!

Ao vêr-vos indifferente, a magua que senti não posso em versos vãos, senhora, vos dizer, porque este grande amor tanto me faz soffrer como nenhuma dor até então soffri.

E vivo acalentando uma illusoria esperança e vivo esperançado, em que? nem eu o sei... nem sei se esta tormenta alcançará bonança,

Nem sei se o vosso amor um dia alcançarei... e se algum succumbir, vencido á desesperança, sabe, que até morrer, senhora, vos amei!

H. A. B.

O Crime "Dellard"

I

Estavamos a 4 de Dezembro de 1891.

la sentar-me para jantar, quando um agente de policia, meu subordinado, me veio dizer que, n'uma casa do boulevard do Templo, se cometera um duplo crime.

— A baronêza Dellard, viuva do intendente do mêsmo nome e mãe do barão Dellard, chefe de repartição no ministerio da guerra, acabava de sêr assassinada.

Um individuo, aproveitando-se da saida momentanea da criada, introduzira-se, á noite, em casa da baroneza e com uma violenta e profunda facada quasi degolára a desgraçada senhora. Alguns minutos depois, entrou a criada, Delfina Houbre e deparou-se-lhe o assassino entrouxando tudo quanto de precioso encontrou á mão. Sem pensar no perigo a que se expunha, a pobre rapariga atirou-se valentemente ao infame; este porem, agarrou-a rapidamente, feriu-a com a mêsmá arma e fugiu.

Delfina Houbre gravemente ferida, mas não morta, foi transportada para o hospital de S. Luiz.

— Inutil será dizer que não pensei mais no jantar; saltei para a primeira carruagem que se me deparou e mandei bater para o boulevard do Templo.

— Abro aqui um *parentesis* para aconselhar ás pessoas que apreciam a regularidade na vida e que gostam de comer a horas certas, que não ambicionem o logar de *Chefe da Segurança*, n'esta boa e honesta cidade de Paris.

Levei comigo três agentes; a breve trêcho appareceu M. Poncet, digno juiz d'instrução.

O assassino não deixára bilhete de visita no local do crime, ao contrario do que aconteceu ao celebre Pranzini, mas, na precipitação da fuga, esquecera-se da arma. Era o unico indício que, a principio, nos apparecia.

— Ouidas as testemunhas, consegui reconstruir, pêlo alto já se vê, o que se tinha passado.

Por volta das quatro e meia da tarde, um mancebo de vinte e cinco a vinte e oito annos, elegantemente pôsto, de chapeo alto e vestido um casaco d'abafar azul marino de correctissimo côrte, dirigira-se á porteira da casa n.º 42 do boulevard do Templo. Questionada por mim a porteira disse o seguinte:

«O tal rapaz era mais baixo do que alto e usava bigode, curto e castanho. Vi perfeitamente que trazia, debaixo do braço, uma pasta como usam os advogados.

Chegou-se a mim e perguntou:

«Faz favor de indicar-me a morada da sr.^a baronêza Dellard».

— «Porta ao fundo do patio, primeiro andar», respondi. Alguns minutos depois ouvi gritos estridentes; saí, correndo, do meu cubiculo e encontrei, no vestibulo, o mêsmo homem que me disse n'um tom da mais absoluta tranquillidade:

«Feche a porta, mulhersinha, não houve que estão a chamar?»

«Dizendo isto, saiu soçegadamente e eu, maquinalmente, fechei a porta da rua. Neste momento, a criada da sr.^a baroneza descia a escada, aos trambulhões, como uma trouxa e literalmente coberta de sangue. Quando chegou ao patamar caiu desmaiada nos meus braços tendo apenas dito com voz sumida e entrecortada: «Agarrem o assassino.»

— Em seguida interroguei os inquilinos do predio, apurando das suas declarações, pouco mais ou menos a mêsmá cousa. — O homem começara por enganar-se no andar, subira ao segundo, batêra e perguntou á criada que veio á porta.

— «A sr.^a baronêza Dellard?»

— «Não é aqui, nem conheço essa sr.^a», respondeu a rapariga.

— «Mas aqui é o primeiro andar?»

— «Não sr. é o segundo.»

O homem desceu e a criada, ainda com a porta entreaberta ouviu-o perfeitamente bater á porta do andar de baixo.

— Minutos passados, abriu-se a janela da casa de jantar da baronêza e soou a voz de Delfina Houbre, gritando roucamente:

— «Prenadam o assassino, prendi...»

A pobre rapariga tinha uma enorme ferida no pescoço e o sangue corria tão abundantemente, que uma criada do rez do chão, espavorida, queabriu nêsse momento a janela, ficou completamente encharcada. No predio houve então um medónho reboliço, um barulho e uma confusão indiseritíveis; um cabo de policia de segurança, morador no quinto andar, mas com a escada abrindo directamente para a rua, ouviu os gritos, desceu a quatro e quatro mas encontrou a porta grande fechada. Nesta occasião a porteira não podia abrir porque sahira pêlo outra escada e entrara em casa da baronêza.

O tempo que o policia levou a puxar a corda e a abrir a porta foi o bastante para que o assassino se afastasse sem que transeunte algum desse por elle.

Entre no quarto onde se praticára o crime e reconstitui este rapidamente. — Na casa de jantar estava tudo em desordem e a baronêza Dellard, em cujo pescoço se devisava uma ferida hedionda, viera cair, desfalecida, no quarto de seu filho, mêsmo junto do leito.

Ouvindo bater, a desgraçada sr.^a, sabendo que a criada estava fora, veio naturalmente abrir a porta; o assassino entrou e seguiu-a até á casa de jantar.

Chegados ahi, começou a lucta, terrivel certamente, porquanto a victima tinha as mãos cheias de golpes.

M^{me} Dellard refugiou-se no quarto do filho, mas o assassino seguiu-a, agarrou-a e feriu-a violentamente.

A ferida era horrivel: partia da orêlha direita e ia morrer na parte média do lado esquerdo do pescoço. A secção era d'um nitidez extraordinaria; fôra feita, certamente d'uma só golpe. A cabeça estava quasi separada do tronco.

— Os moveis tinham sido todos abertos. Dum armario de espelho e dum *chiffonier*, roubára joias, dinheiro e outros valores, mas, surpreendido por Delfina Houbre e obrigado a fugir rapidamente, saira sem levar consigo o roubo que se achava esparso na alcatafia.

(Continúa)

GORON

Galheteiro

IV

A tosse continua em moda. Está-se tossindo bem, com espirito e sobretudo com muita elegancia. Antigamente usava-se na sociedade

Ophelia trazida em charola por varias meninas que lhe pedem para cantar.

A orla dos assistentes agita-se n'um rumor surdo, mixto de bichanices e adejar de leques, na expectativa de um acontecimento a que a pallidez da cantora dá um ar solemne.

Ouve se o descarregar das notas graves reforçado a pedal e, enquanto pelo espaço se vae perdendo o som do ultimo accorde, ella leva aos labios os dedos hirtos e preludia com uma tosse secca,

A's nove está o acto em meio; abre-se a porta d'um camarote, e d'outro e mais d'outro.

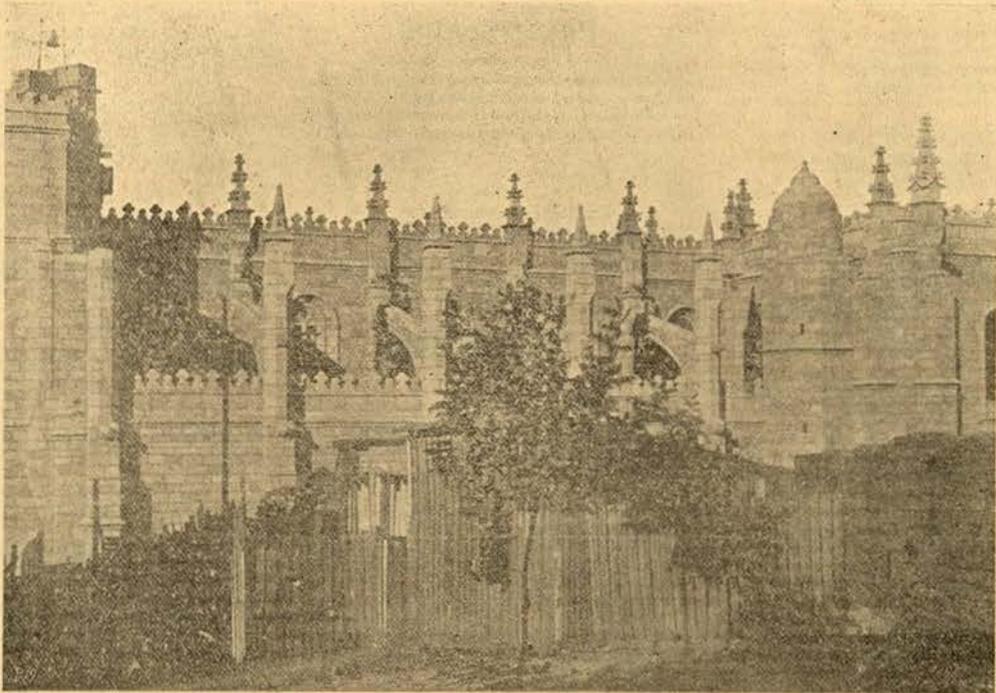
Cá em baixo correm-se reposteiros, arrastam-se pés, entram familias.

Os assentos das cadeiras batem com violencia, senhoras obesas forçam as filhas, cheias de abafos, e de todos os lados ha *schius* indignados.

Na geral cae uma bengala e na superior chora uma criança. Cae o panno.

No intervallo não se ouve uma mosca.

Portugal pittoresco



GUARDA—SÉ CATHEDRAL, LADO DO NORTE—Photographia do Ex.^{mo} Sr. Clemente José Gomes

burgueza uma tosse que suppria as campainhas e o assobio e servia em casa para chamar a attenção da creada diante de visitas e na rua como signal convencional entre os derriços.

Mas o progresso, esse mesmo que plantou hortas nas cabeças das senhoras e creou o *travesti* vestindo-lhes sobrecasacas, deu á tosse uns fóros de importancia que varia conforme o tom e o personagem e ainda consoante o logar.

E senão, no chá da D. Brites, repararem como se tosse.

No meio d'esse silencio, vergastado de vez em quando pelos sons do piano, silencio que precede as grandes estopadas e o chásinho em bandejas com bolos atropellados, rompe em baixo profundo tima catarreira octogenaria de uma avó e logo a seguir, como réplica, duas notas d'outro conviva, torcendo-se ás contracções bruscas do diaphragma

Faz-se musica. Surge d'um canto, amarrotando o lencinho, uma pallida

aguda e compassada como se dissesse: *vou começar*.

E', para melhor dizer, como o relampago a que se segue o ribombar do trovão ameaçador, e que serve de aviso para tapar os ouvidos e fugir para logar seguro.

Isto é a tosse profana e nada se parece com a que cae do pulpito em seguida ao exordio e se espalha pelos fieis arrancando chóros que o echo das abobodas torna mythologicos.

Mas onde se faz sentir a sua influencia e o seu poder suggestivo é no theatro.

A's 8 e meia quasi ninguem.

Depois da symphonia o panno sobe e o palco abre-se n'um bocejo enorme, ante aquelle silencio quasi sepulchral.

Começa o espectáculo; está-se optimamente, ouvem-se os actores, o cochichar do ponto e os passos do contra-regra por detraz da linhagem.

Mais musica, outro acto e, eil-a que começa, a tosse austera de um conselheiro nos *fautuils* d'orchestra. Está lançado o desafio. A resposta não se faz esperar; e d'ahi a pouco, cada qual por sua vez emite com variantes mais ou menos comicas, uns sons guinchados em tons diferentes que, nem os regulamentos theatraes nem a indignação dos que não tossem podem impedir.

Em S. Carlos ha porém, uma grande vantagem.

Alli a moda não sacrifica a arte e o espectador que teve a infelicidade de não ouvir os cantores por cima da aristocratica tosse dos que alli concorrem, delicia-se com o trautear das arias que o visinho do lado lhe offerece, embora pouco a compasso e em notas diferentes das que o auctor da opera concebeu.

Nem Londres com os seus espessos nevoeiros abriga no seu seio uma sociedade tão flagellada pelas catarreiras, que só teem o inconveniente de massar os outros.

MISS WHITE

?...

Os jornaes, p'ra m'entreter,
— Compro a dez reis cada um,
Leio, leio e torno a lêr,
A's vezes fico em jejum!

Pois não sei que quer dizer
— *Raid* — *Etapes* e — *Contrôles* —
Iriam isto aprender
Nas aulas de Rilha folles?

Bem nos basta a — *delivrance*,
A *Gare*, a *Morgue* e — *bidet*;
E tambem casa *d'aisance*
Escroqueries e *guichet*...

Quer seja nobre ou burguez,
Julga ser muito illustrado
Se diz *merci* em francez,
Em vez de muito obrigado!

Inda hontem, ao almoço,
Ouvi dizer um freguez
Que chamaria o pescôco,
Como se diz em francez!

Em pouco, desta maneira,
Falaremos, ai que trôça!
Todos a lingua estrangeira
Sem saber falar a nossa!...

Difícilmente s'explica,
E a razão ninguem descobre,
D'uma lingua que é tão rica
Pedir esmolas á pobre.

J. PAIVA SOARES DINIZ.

Lagrimas

As lagrimas d'amor são sorrisos d'esperança
a germinar vergeis n'um coração amante;
o pranto d'um Romeu, as lagrimas d'um Dante
são como os infantis queixumes de creança.

Ha lagrimas de mãe, que gravam a alliança
eterna á dôr mordaz, cruel, dilacerante,
ao cahirem na carne exuante, agonisante,
d'um filho que adorou; alento que descança.

As lagrimas, porem que os povos a chorar
de fome e escravidão, veem desde a alva pri-
meira do ser sentimental, são um pélagos a inflár,

em que as ondas da dôr agitam a caveira
descarnada da creança... Enxugae esse mar,
ou n'ell' s'afogará a humanidade inteira!

Março 1905.

ANTONIO DO SACRAMENTO JUNIOR.

Cumulos

Subir pela corda d'um relógio

Dar açoutes no rabo d'uma colher

Pôr o monoculo n'um olho d'azeite

Calçar uma bota a um pé de cantiga

Pentear as barbas d'um espartilho

Embuchado!

Dás-me um beijo Maria? — Dou-te dois!

— E depois

Mais nada me darás? — Que quer's ainda?

— Minha linda,

Eu tenho por costume não comer,

Sem bebêr!

ARO,

Um caso de consciencia

Ao prior, a linda Anninha
Pergunta se é peccado,
Vindo da fonte á noitinha
Falar ao seu namorado

O prior, que ha pouco a vira,
Sem que buscasse o ensino,
Junto da fonte, e que ouvira,
O doce estalar d'um beijo,

Diz: falar não é peccado,
Mas tenha — nunca se esqueça —
Quando fala ao namorado,
A bilha cheia á cabeça.

CONDE DE SABUGOZA

Pensamentos

Não é possivel viver feliz aquelle que só refe-
re tudo ao seu particular interesse
Quem quizer fazer o seu bem estar deve con-
tribuir para o bem estar dos seus semelhantes.

SENECA.

Os intellectuaes dão muito mais apreço a uma
critica tola, do que a um tolo elogio.

J. ROUX.

A filha do morgado

Com este titulo publicamos n'um proximo nu-
mero um bello e interessante conto do nosso
querido amigo Fernando da Costa Freitas (Al-
maviva) um dos poucos que, nas revistas litta-
rarias em que tem collaborado, affirma sempre
os seus magnificos dotes de escriptor primoroso.

Actualmente é um dos proprietarios e reda-
tores da *Revista de Manica e Sofala* uma ex-
plendida publicação mensal, especialmente des-
tinada a advogar os interesses d'aquelle exten-
so territorio, mas em que a forma litteraria á sem-
pre cuidada e sempre correcta.

Folgaremos que o nosso bom amigo se não
esqueça nunca do *Azulejos* que tem abertas de
par em par as suas columnas para tão distincta
collaboração.



Gymnasio — *O Pinto Calçado*, Comedia em
3 actos, original de Ernesto Rodrigues e André
Brun.

Sem que tivessem necessidade de lançar mão
do dito escabroso, sempre facilimo de construir,
ou d'um enredo complicado, nem sempre cheio
de verosimilhança, enveredando antes pela te-
cnica simplex, pela senda do dito espirituoso,
natural e casto, conseguiram os dois auctores
de *O Pinto Calçado* architectar tres actos genu-
inamente portuguezes, onde o publico ri á
farta e sem constrangimento, vendo passar uma
galeria de typos que a cada passo se lhe depa-
ram na vida real.

Ha muito não ouviamos um original portuguez
tão polvilhado de bellos ditos offensivos, visto
como os nossos escriptores populares — na maio-

ria — capricham em apresentar-nos trabalhos
apenas recomendaveis pela linguagem desbraga-
da e onde pululam personagens, vergonhas da
ignorancia ou da pathologia d'uma sociedade
que diz enfileirar-se na primeira linha do pro-
gresso e, portanto, tem restricta obrigação de
contribuir para o esvanecimento dos seus erros.

Chegámos ao seculo XX e faz dô observar
como o theatro, que devia ser um dos factores
primaciaes da instrucção, se transformou, mercê
da ganancia dos senhores empzeiros e da falta
d'educação e de reacção do publico, n'um antro
indecente, onde o verdadeiro chefe de familia
não deve entrar sem que o assalte a duvida de
ir dar um mau exemplo a seus filhos.

A peça actualmente em scena no Gymnasio
prova que se pode fazer uma comedia cheia de
alegria, sem haver necessidade d'ir buscar phra-
ses dubias e pornographicas.

Aquelles tres actos d'um facil enredo, são um
repositorio de espirito e d'analyse critica d'um
punhado de typos que cada dia nos apparecem.

De todos elles o primeiro acto é, quanto a nós,
o melhor, muito embora o segundo tenha mais
carpinteria theatral, o que não impede que seja
menos interessante e monotono, talvez por ser
um pouco grande.

Valle, no José Maria Pinto, *O Pinto Calçado*,
deu-nos um soberbo typo, capaz de enfileirar-se
com os principaes que este grande actor comico
tem conseguido crear. E' sobrio em graça, gesto
e dicção.

Machado, Telmo e Alegriam pareceram-nos
correctos e perfeitos interpretes da ideia dos
auctores.

Pimentel foi acanhado e de pouca vida no
rapaz alegre, pandego e descarado, que os ami-
gos impingem para a recitação de monologos
ad hoc.

Jesuina, mais uma vez nos deu uma bella prova
do seu muito talento.

Jesuina Saraiva, Farrusca e Thirse bem.
Alda Aguiar, Alice e Dina, fizeram a diligencia,
mas... sem saberem onde deviam ter as mãos.

D. Amelia — *Casa em ordem*, Peça em 4
actos de Arthur Pinero, traduzida por Eduardo
Noronha.

No theatro da rua Antonio Maria Cardoso,
está-se fazendo Arte. Com prazer o notámos e,
gostosamente, o registamos.

Casa em ordem, é uma peça em quatro actos,
traçados com sobriedade, observação, naturalidade
e um desfecho moral.

Vamos a traços rapidos, procurar fazer um li-
geiro esboço da peça de que se trata, cuja tra-
dução por correcta e cuidada, honra Eduardo
de Noronha.

Filmer Jesson (Antonio Pinheiro), um indivi-
duo methodico, commodista, viuvo de *Amabel*,
casa, em segundas nupcias, com *Nina* (Lucilia
Simões).

A familia da primeira mulher de *Filmer*, de
appellido *Ridgeley*, conservando sempre viva a
memoria e qualidades de *Amabel*, suggestiona o
genro a ponto d'este entregar o governo da casa
á sua cunhada *Geraldina* (Laura Cruz), sob pre-
texto de que *Nina* é alegre, estouvada, incapaz
de exercer proficientemente o mister de dona
de casa.

Nina, a quem os *Ridgeley* humilham a cada
passo, tratando-a como uma creança intrusa,
mal educada, sente-se, não só desse tratamento
como tambem da expolição dos seus direitos e
exclusão dos seus deveres a que é votada pelo
marido. Encontra porem no cunhado *Hylario*
Jesson (Augusto Rosa) um acrisolado defensor
e mercê de umas cartas casualmente encontra-
das pelo pequeno *Derek* (Isaura de Sousa), e
pelos quaes se prova que este, não é filho de
Filmer e da virtuosa, ordeira, methodica, e cho-
rada *Amabel*, mas sim o fructo de culposas e
illicitas relações, mantidas entre esta e o *Major*
Maureward (Alexandre de Azevedo) cartas de
que *Nina* entrou de posse e com as quaes pre-
tendia vingar-se dos *Ridgeley*, sendo dissuadida
de semelhante procedimento pelo cunhado que
appella para a sua generosidade, *Nina*, dizia-
mos, mercê d'essas cartas, volta a ter de novo
a estima do marido e a direcção da sua casa.

Se no desempenho dado á *Casa em ordem* ha
a fazer destaques, é devido tão só á importancia
dos papeis, porque, de resto, o conjunto é
admiravel.

Assim apontaremos em primeiro lugar Augusto Rosa, que com inextinguível mestria e relevo, nos deu o diplomata *Hilario Jesson*. Foi soberbo e a igual altura se guindaram Lucília Simões e Azevedo, respectivamente na scena da *leitura das cartas no 3.º acto*, e na primeira scena ao 4.º acto.

Lucília Simões, que, a nosso vêr, no 1.º acto, mostra abandono em demasia pela propria personalidade, deixando-nos quasi entrever uma pontinha de razão aos *Ridgeley*. Depois, nos actos seguintes, é encantadora. Dá-nos a impressão nitida do soffrir de uma mulher boa, simples, generosa, que se vê esbulhada da amizade do marido que ama, constantemente humilhada por censuras ao seu procedimento e ferida nos seus bríos de mulher pelas repetidas recordações que, de viva voz, todos fazem das qualidades de arranjo, methodo, bondade, etc da sua antecessora. Alem da scena da leitura das cartas do 3.º acto acima apontada, não podemos deixar de fazer especial menção á entrada do 2.º acto, quando, após a scena violenta que tem, torna para pedir desculpa aos seus algozes.

Como os demais artistas que intelligentemente desempenham a *casa em ordem* não teem scenas capitaes, deixámos-lhe gravados os nomes n'esta breve noticia, como homenagem ao seu bello trabalho: São elles: — Josepha d'Oliveira, Laura Cruz, Cecília Neves, Izaura de Sousa, Antoniao Pinheiro, Henrique Alves, Alexandre de Azevedo, Augusto Antunes, Carlos Santos, Francisco Senna e Manuel Pina.

A encenação é primorosa, pois houve metuculo cuidado em formar o ambiente por moda a que todas as figuras vivam naturalmente dentro da acção.

Applaudimos a empresa do D. Amelia, pela propriedade com que montou a bella peça de Pinero

E lá estivemos... na geral.

ROMANOL.

Vida Sportiva

Uma grande excursão em bicyclata

(Continuação)

Para quem não anda em bicyclata não ha subidas; por isso em Castello Branco me disseram que até V.ª Velha de Rodam (30 kilometros) era tudo a descer, e eu, fiado n'esta informação, apesar de a noite se approximar aguardei a retirada dos meus companheiros Raidistas para sahir tambem; eram 5 horas e 45 minutos. Simples cerimonia e cumprimento para com a gentil commissão militar, porque não tinha tempo a perder. O tal caminho *todo a descer* era um embriatorio ondulatorio em que diversas vezes tive de *pujar* soffrivemente, de forma que uma hora após a partida eu estava a meio do trajecto para V.ª Velha, e não distinguia um metro do caminho. Achava-me proximo d'um logarejo, Sarnadas, onde todos estavam já recolhidos e divisando luz pelas frinchas d'uma janella, chamei para pedir agua e informar-me do estado do caminho. Uma velhinha assumou-me, tendo-me dado a agua pedida, entrou de tagarellar curiosamente ácerca da minha passagem, e manifestando cuidado pelo seguimento da minha viagem por noute tão escura e caminho desconhecido.

— Se eu tivesse comodo... mas o palheiro não é cousa que se offereça.

Eu vinha ainda ressentido do desastre succedido e com uma vontade infinita de que outro me não transformasse de vez a viagem. A boa vontade da mulher pareceu-me manifesta, e eu não hesitei entre o palheiro e as trevas, disse-lhe que aceitava e entrei.

A casa fora em remotas eras, estalajam, das muitas que deixaram de existir pelo estabelecimento das linhas ferreas. A minha hospedeira empunhando levantada uma rudimentar candeia de azeite guiou-me ao longo d'um casarão, outrora cavalleirica, disse-me de passagem que os seus filhos andavam ainda por fóra, e que se eu

ouvisse ruido eram elles que vinham deitar-se nas manjedouras, depois empurrando uma desconjuntada porta que encontramos lá ao fim, demos ingresso no palheiro, compartimento coberto de telha vã e a um lado do qual se amontoavam fardetes de palha.

O chão tinha tambem uma certa altura de palha e, emquanto a velhota foi por umas mantas, eu puz-me a considerar a minha situação já menos tranquillo pelo anuncio dos taes figurões que estavam para chegar.

Fui-lhe dizendo que os meus companheiros passariam dentro em pouco, a cavallo, e que seria grande a sua surpresa de me não encontrarem em V.ª Velha de Rodam, o que certamente lhes daria cuidado, mas que, sahindo eu muito cedo os iria socagar antes d'elles me procurarem.

Acabára de me acomodar entre as mantas quando os ouvi passar conversando animadamente.

Dormi mal, acordei alta noite com a cabeça gelada pelo frio que descia pelo telheiro, e depois de mais umas voltas entre a roupa, vendo luzir o buraco, dispuz-me a partir. Paguei á mulhersinha o seu favor, appareceu-me um rapazola a agradecer, deram-me um ovo lastimando-se de não terem mais e desejaram-me boa viagem, desfazendo-se em cumprimentos.

A's 6 horas estava em V.ª Velha onde encontrei mais uma vez o Ex.º sr. Constação, ao qual já alludi, e me disse que tinham acabado de partir os concorrentes que eu vinha acompanhando. Esperei ali tempo sem fim por uma gemmada e pelas 7 horas segui passando a ponte d'onde se admira o imponente aspecto das chamadas portas do Rodam, secção violenta n'uma serra de respeitavel altura, que assim dividida d'um e outro lado se perfila á passagem majestosa do Tejo.

Na outra margem uma legua completa a subir rijamente, depois, por caminho vario, passei em Niza e cheguei a Alpalhão pelas 10 horas, almoçando alli.

Eu projectára seguir por Crato, visto que a estrada directa a Portalegre está, em parte, ainda em construcção, mas, informado de que sómente á passagem de nivel teria de me apear, tomei esse caminho em que não foi difficil orientar-me e, assim, pela 1 hora da tarde estava á vista da cidade que a distancia é d'um aspecto encantador.

Preveni a Commissão de que não tardariam em chegar concorrentes do Raid, noticia que foi uma verdadeira surpresa pois tal cousa não suppunham, e tendo deixado tudo a postos, parti para Monforte aproveitando uma arajemsinha a favor, cousa que até alli tinha sido rarissima.

Eram tres e meia da tarde quando, por umas pequenitas, expedi d'aquella localidade o meu telegramma diario, tendo, na passagem por uma das ruas, visto a uma porta a sorrir da extravagancia do meu aspecto e da minha machina, uma das mais lindas raparigas que se me teem deparado.

Jantei, e, prevenido que das tres leguas que me separavam de Barbacena metade da estrada não existia ainda, dispuz-me a aproveitar o pouco tempo de claridade que me restava. Esta acabou-se precisamente quando acabou o bom caminho, e eu transpuz a ultima legua por cima de sulcos, lameiros e torrões, já apoiando-me á machina para não cahir, já transportando-a eu proprio atravez de regueiros, e, por fim, orientando-me exclusivamente por uma luz que, a distancia, me indicava a proximidade do logar porque vestigios do caminho não os havia. Pernoitei em casa de Urbano Ventura Rodrigues tendo sido elle e sua mulher muito amaveis para comigo, e dispensando-me todos os cuidados ao verem que eu chegava bastante fatigado pela revesada travessia que acabava de fazer. Tinha percorrido n'aquelle dia 113 kilometros.

Segui viagem pelas 5 horas da manhã ignorando o paradeiro dos cavalleiros, que de Portalegre haviam seguido por Arronches, e de baixo de densa nevoa entrei em Elvas onde apenas me demorei o tempo necessario para visar a minha caderneta e prevenir da proxima chegada dos Raidistas, visto que não tinham na vespera alcançado aquella étape. A's 8 horas e meia estava em Villa Boim onde me detive um pouco ouvindo uma interessante exposição de um importante creador de gado cavallar e muar, ácerca da pretendida falta de bons cavallos, e que corroborou com extrema precisão o que mo-

mentos antes eu ouvira da bocca de um Ex.º official, com quem, em Elvas, troquei ligeiras impressões.

De novo a caminho, com um vento contrario (sul) de muito maus prenuncios, tive o prazer, proximo á ponte de Terruje, de ver o meu cyclometro marcar os 1000 kilometros, ou sejam 200 leguas, A's 11 e meia estava em Borba disposto a almoçar e felicitando-me por mais uma vez ter escapado á chuva que não era pouca, momentos depois de estar recolhido.

N'uma aberta, transpuz a pequena legua que me separava de Villa Viçosa e d'onde o mau tempo me não permittiu que sabisse n'aquelle dia. Devido á amabilidade do filho do Ex.º presidente da Commissão do Raid e d'outro cavalleiro parente do Ex.º almojarife da casa ducal, que tiveram a deferencia de me acompanhar, visitei o interessante palacio o que muito apreciei.

(Continúa)

J. COSTA BRAGA

Epigramma metaphisico

AO SAMPAIO LUSO.

Iovah disse a Satan: «O' principe do cahos, «Porque fizeste o Mal e o Crime e semeaste «A Revolta e a Dor, que torna os homens máus? Mas Satan respondeu: Para que me creaste?»

EDUARDO METZNER

A Praga de Hamlet

AO GIUSEPPE LEVY, poeta italiano.

Porque o teu lindo olhar fascina e embriaga
A minha estranha dor, porque não posso vel-o
Vou rogar-te, Mulher, esta sinistra fraga:
«Sê casti, como a luz e fria como o gelo!»

EDUARDO METZNER

Semana Alegre

Um homem reclama o cadaver de um parente que morreu no hospital.

— Tem algum signal particular por onde se possa conhecer? perguntaram-lhe.

— Tem, sini senhor. Era surdo como uma porta,

N'um tribunal:

O juiz lendo a sentença: eu abaixo assignado, juiz d'esta comarca, com o grau de cavalleiro de Malta, o grau de bacharel formado e o grau de doutor...

O reu, atalhando:
Caramba! Vosselencia inda tem mais graus que a augardente de prova!

VARIEDADES

Ementa do Azulejos
para o jantar de 25 de Dezembro de 1907

SEGUNDA ENTRADA

Lebre á Arquiduque Rodolfo — Ertesada a lebre sobre brásas e esfregada com o proprio sangue, cubra-se de pranchas de tocinho, mēta-se no espêto e põna-se a assar, pingando-se com manteiga ou tocinho derretido; depois d'assada, tira-se-lhe a carne e corta-se em filletes muito delgados, deita-se em *essencia de pre-*

sunto e junta-se-lhe cebolinha vêrde bem picada misturada com pimenta, e estando quente, sem fervêr, serve-se com sumo de limão. Este prato serve-se com *Colares Tinto*.

Modo de fazer a essencia de Presunto

Guarnece-se o fundo d'uma caçarola com fatias de presunto, duas cenouras e duas cebolas cortadas em rodas e um pouco de tocinho derretido. Põe-se ao lume a suar a pouco e pouco e, em estando corado e principiando a pegar-se, deita-se-lhe, quatro decilitros de vinho branco, três colheres de caldo forte, pimenta, uma cápela de salsa, ervas finas, duas cebolinhas verdes com dois cravos e deixe-se fervêr pouco a pouco; depois de reduzido, ligue se com duas colheres de farinha batida com ovo, tira-se-lhe a gordura e passa-se pelo peneiro.

POSTA RESTANTE

Julio X.—Pergunta-nos se pode entrar? Não, senhor, não pode. Veio com o pé esquerdo. Troque o passo e depois... talvez.

X. Y. Z.—Fez bem em assignar com as letras usadas em algebra para as equações a tres incognitas. Mas se nos manda apenas duas quadras como ha de resolver-se o problema? Falta uma equação e essa é com certeza a melhor.

Omega.—Este é grego, mas não faz idéa nenhuma de Homero. Não lhe damos de conselho que o leia, ficava peor.

Elmendo da Cruz.—Estão errados.

M. de A.—Continuam errados e muito, mesmo com a sua auctorisação não emendamos.

Silvares.—Não publicamos numero de Natal. O seu conto é realista em demasia, para um jornal lido pelo povo, nobreza e clero. A religião é, quanto a nós, uma das alavancas da civilização, embora perfilhemos em parte as suas idéas. Escreva sobre outro assumpto e recebel-o-hemos de braços abertos.



Decifreadores

Do n.º 10
Em concurso.—*Litras (1,3)*—*Marianno Ribeiro (11)*—*A. Carvalho (8)*—*Manoel de Sousa (8)*—*Sado (8)*.

Decifrações do numero antecedente

Café—*Caramilho*—*Macedo*—*Estrelladeira*—*Persevejo*—*Vasta*—*Alarga, abarga*—*Bobo*—*Cervejaria*—*Capitula*—*Sobrenomes*—*Descomposto*—*Despique*—*Coelho*—*Soalheiro, Benavilla, Camadella, Carapinha, Penancaes, Avesadadas, Bandeiras, Montargil, Arcosello.*

Logogrifhos

Rapidos

Desejo
1, 2, 3, 4

Appetitoso

Furo
5, 6, 7, 8

J. P.

Em defesa
1, 2, 3

Proposição
4, 5, 6, 7, 8

Figura grammatical

J. P.

Charadas

Sou a primeira, a da frente,
De bem pequeno esquadrao,
Se eu faltasse acabaria
O meu pobre coração-1.

Que, afinal, ha de chegar
Esse dia tremebundo
Em que tudo assim 'stará
Reduzido n'este mundo-1.

N'esse livro do Destino
Que tem tantas divisões
Li apenas uma d'ellas-2.
E fiquei sem illusões.

Mas por mais que calculasse
Difrença sempre encontrei
Entre duas quantidades
Cuja medida não sei.

E farto já de scismar
D'olhos pregados no tecto,
Descobri com algum custo
Ser tão só simples insecto.

J. P.

Novissima

A parente arrasta a outra parente-2-2.

LITRAS

Biformes

E' desprovido de carencia-2.

AÇNAREPSE

O topete da boneca-2.

LITRAS

Electrica

A mulher é dinheiro-2.

J. L. C. (SADO)

Enygmas

Typographicos

RI

EDADE

A. R.

VIR

X

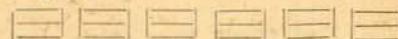
A. GAMA

VI VI VI

D

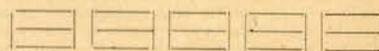
J. L.

De palitos



Tirando 10 palitos é de palma.

M. O.



Tirando 10 palitos é freguezia.

A. P.

Chorographico



Terras portuguezas.

J. L.

Artigos a decifrar, 13.

R. Xavier da Silva
Doenças da garganta, nariz e ouvidos
CLINICA GERAL
Das 3 ás 5—Rua da Palma, 133, 1.º

GRANDE DEPOSITO
DE
MOVEIS DE FERRO

COLCHOARIA
DE
JOSÉ A. DE C. GODINHO

54, Praça dos Restauradores, 56 — LISBOA

LUZ KITSON
Petroleo por incandescencia
A mais brilhante, a mais economica
Sem cheiro nem fumo, **L. M. LILLY**, succesor. R. dos Retrozeiros, 35, 1.º-D.

Forjas americanas
De ventoinha, sendo a ultima palavra em simplicidade e economia.
Vel-as e compral-as é obra de um momento.
OS INTERESSADOS QUE SE APRESENTEM
Deposito: R. dos Retrozeiros, 35, 1.º, D.ª—Lisboa

Retratos a Crayon a 2:000 réis
Carta a esta Redacção
RECEBEM-SE ENCOMMENDAS DA PROVINCIA

ESCOLA
DE
EQUITAÇÃO
DE
João Gagliardi
70, RUA D. PEDRO V, 70
LISBOA

Alfredo Mantua
PROFESSOR DE BANDOLIM
C. do Forno do Tijolo, 32-4.º
LISBOA

Pharmacia do Instituto
Pasteur de Lisboa
Productos esterilizados, especialidades nacionaes e estrangeiras, reccituario.
Rua Nova do Almada, 86 a 90
Em frente ao mesmo instituto

D. D. BICYCLETAS INGLEZAS
VENDIAS A PRESTAÇÕES



CASA VELO-PORTUGAL
J. da COSTA BRAGA-21 RUA MARIA, 23 LISBOA

BICYCLETAS DAS MAIS PROGRESSAS AS DE MAIOR LUZO POR PREÇOS BAIXOSSEUS
FABRICAÇÕES DE 1ª CLASSE
SECIONALES DE CRISTO I ALGARVE PRINCE PROGRESSO I ALBUQUERQUE I CASP O GRANDE

A NOSSA MANEIRA DE ANNUNCIAR

A bicycleta ingleza, de 1.ª ordem, que, sob a denominação de
"VELO-PORTUGAL"
vendemos de ha 5 annos, acreditou-se e impoz-se de forma tal que é hoje o modelo geralmente adoptado, sendo copiada tanto quanto possível.

Não ha cyclista que o ignore.
Ninguém imita artigos sem reputação.
O mesmo succede com as machinas «B. S. A.» de que fomos introductor em Lisboa e que, como se sabe, teem centenaes d'imitadores.

Quem visitar a Exposição «Velo-Portugal» ficará verdadeiramente surprehendido. Solicita-se com cordeal empenho uma visita a simples titulo de curiosidade ou de interesse sportivo; convida-se a ver mesmo as pessoas que não necessitem qualquer artigo da casa.

Não se constrange ninguem a comprar; unicamente se dão todos os esclarecimentos que o cyclista deseje.

Na casa «Velo-Portugal» ha ordem, solicitude e decente processo commercial, por isso, dentro da nossa modestia, soubemos guindar o nome do nosso estabelecimento.

Nunca annunciámos milagres, nem nos arrogámos privilegios inimitaveis. O nosso reclamo é simplesmente:

Bicycletas das mais modestas as de maior luxo por preços razoaveis.

Temos a maxima possibilidade de fazer tantas ou talvez mais vantagens do que qualquer commerciante possa fazer, em vista das condições muito especiaes em que a nossa casa está montada no que respeita a ordem e economia. De resto todas as nossas compras são a prompto pagamento e em grandes quantidades.

Em qualidade e em preços fazemos tudo quanto com seriedade se pôde garantir, para merecer confiança e sermos honrados com a preferencia do publico.

Ha pessoas que, não vendo réclamos espathafatosos, julgam tratar-se de uma casa que vende mais caro. Temos bicycletas para todos os preços do mercado, unicamente não sabemos adoptar o systema de pretender suggerir que fazemos n'isso favor ao publico, ou temos algum poder sobrenatural.

Vendemos por menos o que as fabricas podem fornecer por menos, e nada mais.

